

A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NOS GRUPOS DE ESTUDOS COOPERATIVOS

Suiany Tereza de Freitas Paiva¹
UFC

Resumo:

A interação realizada com a metodologia da aprendizagem cooperativa beneficia todo um grupo, do desenvolvimento cognitivo ao social. Os estudantes ficam mais estimulados para tomarem decisões quando entram em contato com as opiniões e atitudes dos colegas, isso fortalece o ponto de vista deles a respeito de algum assunto posto em questão pelo grupo, passam a tomar posse de valores que se firmaram ao longo do ambiente de interação entre os amigos, colaborando, até mesmo, para reconhecerem erros jamais esperados. Aproveita-se muito desta ação, vários são os benefícios, como: a desinibição de um estudante em relação ao grupo; ótimo desenvolvimento em sala de aula; facilidade para assimilar a matéria vista; perceberem através da visão do grupo que são capazes de serem agentes de mudanças; sem contar com o aprimoramento das competências sociais que são adquiridas, tais como: a capacidade de um estudante ou do grupo de reconhecer ou julgar um erro cometido; o reconhecimento de ações positivas em grupo, ao agradecer por elas e pelo trabalho executado em equipe; saber lidar com situações inconvenientes e não desistir delas, mas encontrar várias formas de solucioná-las.

Palavras – chave: Aprendizagem cooperativa; Grupo de estudos ou células estudantis; Interação social; competências sociais.

Résumé:

L'interaction réalisée avec la méthodologie de l'apprentissage coopérative bénéficie tout le groupe, depuis son déroulement cognitive au sociaux. Les étudiants sont plus stimulés pour être autonomes, tenir des décisions quand ils ont des contacts avec les opinions et attitudes des collègues, cela enrichi le point de vue de tous les participants par rapport quelques sujets trouvés dans le groupe; ils sont responsabilisés de valeurs qui ont été crée dans le groupe pendant le moment de l'interaction entre les amis, en train de collaboré pour la reconnaissance de quelques fautes jamais esperé. On profite beaucoup de cette action, on a plusieurs de points positives, comme: la perdre de la timidité d'un étudiant avec le groupe; un super déroulement dans la salle de classe; la facilité pour assimiler la discipline étudié; la perception parmi la vision du groupe pour savoir qu'ils sont capables d'être agents de changement. On compte aussi avec les conséquences aprimorés des compétences sociaux qu'on peut réussir, comme: la capacité d'un étudiant ou d'un groupe de reconnaître ou juger un erreur comis; la reconnaissance des actions positives dans le groupe quand on remercie pour elles et pour l'activité réalisé en équipe; savoir agir avec des situations mauvais et jamais ne vouloir pas participé d'elles, mais essayer de rencontrer d'autres formules pour les solutionnés.

Mots-clés: Apprentissage coopérative; Groupe d'études ou cellule d'étudiants; Interaction sociale; Compétence sociale.

1.Introdução:

Objetiva-se analisar, neste trabalho, as vivências nos grupos de estudos, chamados células estudantis e quais impactos na vida dos estudantes participantes ficam evidentes, através de trechos de relatos de experiência dos alunos que participaram, durante o ano de 2010, do Programa de

¹ Graduanda do Curso de Letras- Português/Francês da Universidade Federal do Ceará.

Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis (PACCE) da Universidade Federal do Ceará (UFC) cuja coordenadoria de nome: Coordenação e Formação em Aprendizagem Cooperativa (COFAC) ligada à Pro - Reitoria de Graduação.

A ideia deste Programa segue o modelo de abordagem da aprendizagem cooperativa utilizado no Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) que é um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, tendo como coordenador o professor Doutor Manoel Andrade Neto. A diferença entre os dois Programas é que: o PRECE utiliza a metodologia da aprendizagem cooperativa como forma de incentivar estudantes, do interior do Estado do Ceará, ainda no ensino médio, a ingressarem na universidade através da formação de pequenos grupos de estudos e aproveitando o potencial de cada um em relação à disciplina de maior afinidade com o intuito de gerar ajuda mútua, autonomia intelectual, sentimento de confiança e credibilidade nos objetivos em comum do grupo, e o desencadeamento de várias outras competências sociais.

Já o Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis visa expandir a metodologia dentro da Universidade a partir, também, de grupos de estudos, seguindo o mesmo modelo do PRECE, a fim de desenvolver os 5 (cinco) elementos básicos da aprendizagem cooperativa, são eles: interdependência social positiva, responsabilidade individual, interação promotora (face a face), desenvolvimento das habilidades sociais e processamento de grupo, (JOHNSON & JOHNSON, 1998).

As relações existentes, nos grupos, entre os membros desta bolsa vem sendo observadas desde o primeiro ano em que ela entrou em vigência, ou seja, a partir do ano de 2008. No ato da inscrição que, geralmente, ocorre no início do ano letivo é exigido que cada aluno entregue um formulário preenchido, a ideia básica do grupo de estudo, em formato de um projeto o qual o programa disponibiliza um modelo e uma oficina de elaboração durante o processo de seleção, e um memorial. Este deve ser composto de pelo menos 6000 (seis mil) caracteres, contendo a identificação, apresentação do autor, um pouco de sua vida familiar e estudantil, momentos que tenham sido marcantes como as dificuldades enfrentadas, assim como as estratégias de superação ou que ele julgue pertinente como forma de superá-las e, por último, alguma experiência que ele teve em grupo.

Como forma de compreendermos melhor, utilizaremos numerais na indicação de cada trecho de relato de experiência, ao invés de utilizar o nome verdadeiro dos bolsistas como forma de conservação de suas identidades.

Encontramos em um dos relatos dos bolsistas, do curso de Matemática, que o chamaremos de “1”, sua opinião em relação à atividade de escrita de memorial, vejamos:

[...] nesse memorial tinha que falar a respeito de sua vida e seu período escolar desde o início até o momento atual, confesso que estava me sentindo meio que constrangido de

expor a minha vida, [...] mas a medida que via as dos demais membros da formação se expondo foi tomando coragem [...] e com isso foi bastante interessante, comecei a ver os membros do meu grupo como eles são, compartilhamos experiências e com isso deu um certo conforto e facilitou muito a interação com cada um

A entrega deste memorial é um dos critérios de seleção e serve para que o aluno tenha sua história de vida valorizada, registrada e, a partir desta ação, possa ser gerada interação entre os estudantes através do conhecimento da história do outro. Durante o ano, todos os estudantes têm acesso a esses documentos através de uma atividade de apreciação postada no blog oficial do Programa, dinâmicas de apresentação nas reuniões de formação e durante os Encontros Universitários, em forma de seminários. Como descreve a estudante “2”, do curso de Arquitetura e Urbanismo:

“Gostei bastante dos seminários apresentados por outros colegas monitores e também achei interessante a apresentação dos relatos e memoriais. Assim pudemos conhecer melhor os outros participantes, e ouvir cada um falando é bem mais interessante do que ler”

Pede-se também por escrito, como forma de verificação da experiência dos estudantes em grupos de estudos, a elaboração de dois relatos de experiência por ano, um a cada final de semestre.

Os memoriais são voltados mais para as atividades extra-universitárias, enquanto que os relatos de experiências consistem em atividades exercidas pelos discentes dentro da universidade, porém durante o período em que ele permaneceu no programa de aprendizagem cooperativa em células estudantis.

Esta metodologia existe desde a época do filósofo grego, Sócrates aos dias de hoje. Temos como grandes pensadores e estudiosos deste modelo de ensino os irmãos David W. Johnson e Roger T. Johnson, professores da Universidade de Minnesota, em Minneapolis (<http://www.context.org/ICLIB/IC18/Johnson.htm>).

Suas pesquisas são baseadas na investigação da interação social nos grupos de estudos do Centro de Aprendizagem Cooperativa, nos EUA. Anualmente, eles realizam workshops na cidade de Minnesota cujo objetivo principal é a Aprendizagem Cooperativa.

2. Grupos de estudos

É na célula de estudos que os estudantes praticam a metodologia da aprendizagem cooperativa. Os bolsistas que fazem parte do programa e têm um grupo de estudos são considerados articuladores de célula, ou seja, eles assumem o papel de monitores, diferentemente da monitoria tradicional, uma vez que o trabalho é feito em grupo e não há concentração de tarefas em uma só pessoa. Além, de manter a célula ele é destinado a participar de atividades interativas e, uma vez por semana, de formação em aprendizagem cooperativa que é fornecida por facilitadores do programa que estudam e planejam essas formações a partir de textos teóricos e de técnicas de aprendizagem

cooperativa.

Ficam evidentes, nos trechos do relato do estudante, os impactos que essas atividades proporcionam, vejamos do estudante “3”, do curso de Filosofia:

Quando agente fala em atividades em grupo dentro da COFAC, com certeza a atividade mais marcante e mais frequente de todas é a formação com o facilitador e outros articuladores. [...] tem um outro importante mérito que as atividades de formação ajudaram a construir que é a sinergia entre os cursos. [...] o mais importante disso é que esse companheirismo desenvolvido com alunos de outras áreas é traduzido como o melhor jeito de se sentir integrado à comunidade. E mesmo que a área de conhecimento dos outros seja diversa da sua, agente se sente pertencente há uma comunidade real, de fato, em que as pessoas reconhecem as diferenças.

Já esta estudante “4”, do curso de Ciências Contábeis, fala da sua experiência tanto no Programa quanto, na aplicação da metodologia, na célula:

A Aprendizagem Cooperativa passou a ser uma família, ela é mais que uma metodologia de ensino, é uma filosofia de vida e é uma das melhores formas de combater o egoísmo, competitividade e individualismo. [...] com ela desenvolvi muitas habilidades sociais; protagonismo social, saber lidar com as diferenças, respeitar o outro, saber trabalho em grupo, ser comunicativo, ser crítico [...].

Considera-se que o grupo para funcionar ativamente, no programa, precise da participação de pelo menos 3 (três) estudantes, contando com um bolsista ligado ao programa, os demais componentes podem ser companheiros de sala de aula ou outros estudantes que tenham o mesmo interesse, pelo o objeto de estudo a ser debatido no grupo, em comum. Vale ressaltar que apesar do fato de um dos componentes da célula ser um bolsista, não há regalias em relação aos outros, ou seja, não há líder no grupo, mas o exercício da liderança que exige protagonismo, responsabilidade individual, divisão de tarefas por parte de todos.

Os estudantes da célula visualizam que também é possível trabalhar em grupo sem que estejam presos à condução de um professor, mas que este pode exercer o papel de mediador em sala de aula ao invés de ser centralizador do saber. Segundo Paulo Freire: “ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos” (1987, p.63).

Segundo o texto, “Métodos da Aprendizagem Cooperativa”: “a aprendizagem cooperativa é uma velha ideia”. Vários pensadores entre eles: Thorndike, Slavin, Talmud, Lancaster, já comentavam e acreditavam nessa ideia, afirmando que a atividade em grupo rende bastante, o aprendizado mútuo é mais enriquecedor que o aprendizado “depositado”. Já dizia Paulo Freire: “[...] era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva [...]. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação profunda”.

O método da aprendizagem cooperativa é tão bem aceito que através dele os estudiosos recomendavam sua aplicação nos estudos, na sala de aula, porém ao longo dos anos percebeu-se

que essa metodologia podia muito mais, e se as pessoas prestassem bem atenção, veriam que ela teria uma grande influência na sociedade, como consequência de sua utilidade, envolvendo aspectos da vida, o relacionamento em casa ou com os demais parentes, sabendo lidar, até mesmo, com situação de conflito, afim de que ela ajudasse o indivíduo a ser mais democrático e cooperativo.

Então, vejamos em um dos relatos de experiência de uma estudante “5”, do Curso de Letras/Espanhol, o que ela descreve a respeito de sua célula estudantil:

Acredito que essa diversidade de conhecimento e experiências com a língua espanhola foi importante e proveitosa, pois sempre houve companheirismo e ajuda mútua nas dificuldades, proporcionando visões diferentes do mesmo assunto acrescentando mais ao nosso aprendizado. Buscava sempre dar oportunidades para todos, deixando-os livres para expor suas dúvidas. [...] Uma célula estudantil cooperativa realmente é extremamente gratificante, porque aprendemos juntos, compartilhando dificuldades, [...] e firmamos amizades.

Dessa vez, uma estudante “6”, do curso de Cinema e Audiovisual:

[...] os laços de amizade se fortaleceram, pudemos nos tornar íntimos e confiar uns nos outros. [...] tive um valioso crescimento pessoal e profissional, aprendi a ser mais tolerante com as pessoas, suas personalidades e opiniões, a ter mais responsabilidade com minhas atividades, a aproveitar o que as dificuldades e os conflitos da vida podem me trazer de positivo. [...] ampliei meu conhecimento de mundo, frequentei mais os espaços da universidade.

A diferença na forma de estudo leva os estudantes a perceberem que eles podem ser ativos no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, já que essa abordagem construtiva é diferente do modelo tradicional do ensino em que os alunos são receptores do conhecimento do professor, não tendo estímulo na construção do saber, de hipóteses, ideias. “Trabalhando juntos para alcançar objetivos comuns em esforços que requerem coordenação, comunicação eficaz, liderança e gerência de conflitos, os estudantes se habilitam melhor para a prática da cidadania” (JOHNSON & JOHNSON, 1994).

Para os estudantes que ficam isolados de um grupo ou são rejeitados por ele, passam por uma situação complicada, uma vez que agindo isoladamente jamais poderão construir uma opinião, entrar em consenso, debater ideias, aprimorar as competências pessoais. Tal situação pode acarretar em sérios problemas para o desenvolvimento pessoal deles e afetar o relacionamento com os demais. Vejamos o que diz a estudante “7”, do curso de Economia Doméstica, articuladora de uma célula:

[...] integração dos membros da célula de forma que pudéssemos nos conhecer melhor facilitando assim qualquer outra atividade proposta, tendo em vista que passaríamos a nos ver como amigos e não somente como membros de um mesmo grupo. [...] mesmo com o fim do primeiro semestre continuamos com os contatos um do outro seja por telefone, programas de mensagens instantâneas ou por páginas de relacionamentos.

O grupo de estudo com o passar do tempo se fortalece devido aos laços de amizade, aumentando o grau de confiabilidade e gerando capital social através do capital intelectual dos próprios discentes.

A utilização da aprendizagem cooperativa não é feita apenas quando temos um grupo de alunos ou pessoas reunidas e tratam de fazer um trabalho solicitado. Pelo contrário, ela é bem mais abrangente, daí uma possível explicação para que muitos abram mão de sua aplicabilidade em sala.

Há grupos que a praticam sem saber. Há também estudantes que a utilizam sem ter conhecimento. Muitas de suas particularidades estão iminentes no ser, utilizamos de forma desordenada, a Aprendizagem Cooperativa surgiu como forma de organizar essa prática ou modelo de atividade em grupo.

O que é imprescindível dizer aqui, é que um fator essencial que deve estar presente ao final de cada dinâmica realizada é o processamento de grupo. Esse é o momento de diagnosticar as falhas e os acertos no grupo. É uma prática muito boa, pois permite que os participantes exponham suas opiniões, falem a respeito da própria auto-estima, o que pode ser modificado e melhorado na etapa de desenvolvimento de um trabalho ou, se o trabalho já estiver sido executado e não for possível revisá-lo, pelo menos, fica a dica para a realização de um próximo. O grupo tende a se fortalecer após esse exercício, uma vez que atingirá diretamente a afetividade e motivação dos participantes.

3. Interação Social

Segundo Vygotsky, a interação entre os indivíduos é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem. A aquisição do conhecimento se processa através da relação social, na qual o indivíduo participa e interage com os outros.

O trecho da estudante “8”, do curso de Pedagogia, se encaixa na definição acima:

“Dessa forma, à medida que incentiva o desenvolvimento de habilidades sociais à vida acadêmica, a aprendizagem cooperativa promove encontros e trocas de ideias que enriquecem nossa capacidade cognitiva nos torna seres mais sensíveis e, especialmente, mais humanos”.

A metodologia tradicional é repreensiva, restrita e individualista. Não existe interação entre o docente e o discente porque não há aprendizado mútuo, mas repasse dele. O aluno fica preso à metodologia utilizada pelo professor. Aquela em que ele chega em sala de aula, enche o quadro de informações quando não é necessário, pois acaba perdendo tempo, faz os alunos copiarem nos cadernos e depois os explica. Passa vários exercícios repetitivos. E o conhecimento acaba sendo memorizado. Acontece que a classe não tem oportunidade para desenvolver sua autonomia intelectual, fica inibida de aprender através de problemáticas e, ainda por cima, está sujeita a não criticidade das coisas. E quando chega a época dos testes ou provas, o aluno só aprende a repetir, decorar o que lhe foi transmitido durante as aulas. Esse modelo de ensino está ultrapassado.

É impossível de aplicá-lo nas situações da vida real, uma vez que o mesmo está limitado à fixação e exposição do saber para um único fim, dispensando a possibilidade de uma reflexão, através do conhecimento adquirido, a respeito dos problemas enfrentados no dia a dia.

A interação social permite desencadear uma série de fatores básicos para que a cooperação aconteça em um grupo saudável, como: o respeito entre os membros; encorajamento mútuo; as potencialidades e as limitações da equipe; os indivíduos do grupo acabam que utilizando a interdependência positiva, ou seja, se preocupam em se esforçar para que as atividades ocorram da melhor forma possível, evitando atrasos em reuniões, falta de compromisso com as tarefas assumidas, conscientizando-se de que o andamento do grupo depende de todos e que se existir uma falha toda a atividade é desconsiderada.

Temos um exemplo de interdependência positiva no relato do estudante “9”, do curso de Administração:

“[...] minha responsabilização individual foi bastante elevada [...] o sucesso do meu trabalho dependia, também, do sucesso dos meus colegas e o sucesso da equipe dependia do sucesso de todos. Vale ressaltar que na nossa equipe as tarefas foram bem definidas para cada membro. Desse modo, funcionávamos com base na interdependência positiva”.

O aluno expõe a importância da prática para o sucesso da realização das atividades em grupo.

A seguir, o estudante “10”, do curso de Ciências Biológicas, nos fala um pouco de sua relação com a célula:

No início dos encontros com a minha célula eu ficava muito nervoso e um pouco envergonhado porque eu me reunia com pessoas desconhecidas e mesmo após eu debater sobre o conteúdo e tentar instigá-los, eles continuavam calados o que me desestimulava muito. Porém não desistia [...] tentava me entrosar cada vez mais com os alunos. Com o passar do tempo percebi que já estava tão aproximado que já até jogávamos futebol juntos.

A situação descrita acima conseguiu, aos poucos, ser superada devido à prática da interação social, o bolsista diz que chegou a se desestimular no grupo por conta do pouco entrosamento. Porém, superou esse obstáculo através da interação social ocorrida posteriormente.

As experiências em grupo acontecem ao longo do exercício das reuniões até a adaptação de seus componentes com o tempo de duração, o espaço e as pessoas que encontrarão.

A interação é uma consequência da junção dos momentos de convivência, ela pode ser positiva ou negativa. É a partir daqui, movidos pela auto-estima, que aos poucos os membros re conhecem seus papéis, no sentido de tomar consciência acerca do que são e querem da vida.

Bakhtin cita, em um trecho de sua obra, a respeito da interação social e deixa claro que fatores externos que fazem parte do nosso conhecimento de mundo são importantíssimos para a concretização dela.

[...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo

individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (p.121).

Outros elementos importantes que não podemos deixar de citar, são: a responsabilidade individual (anteriormente não foi esclarecido o termo) em que consiste na responsabilização de que cada membro deve assumir no grupo. É de fundamental importância um planejamento das tarefas a serem desenvolvidas e distribuídas. É a partir daqui que o indivíduo sente que sua participação é extremamente importante no que se refere ao comprometimento dos deveres que lhes foram destinados na divisão de tarefas, a fim de facilitar o trabalho dos demais membros, no que diz respeito à concentração de atribuições em uma só pessoa e reconhecer também sua importância no grupo.

O outro fator importante para o andamento do de uma célula estudantil é a formação de um grupo heterogêneo. Para que não haja junção de pessoas que já se conhecem em um mesmo grupo, as chamadas: “panelinhas”, eliminando a dispersão ao realizar as tarefas e dando oportunidades para as ideias dos participantes diferentes. A aprendizagem cooperativa não é apenas uma metodologia, mas um ensinamento de vida. Ao lidar com ela devemos estar preparados para a multiplicidade que iremos nos deparar, como: o fato de alguém que está começando a conhecer seus princípios e não querer aceitá-los e discordar deles; às vezes, a pessoa está tão acostumada a trabalhar de outra maneira que quando experimenta essa, pensa em desistir, acha algo absurdo de acontecer. É um trabalho que requer paciência e dedicação.

A opção pelo estudo em grupo requer compromisso, empatia pelos demais, acreditar nos propósitos, nas ideias postas pelo grupo, estar pronto para receber críticas, saber criticar as ideias propostas e não a pessoa que as criou, ter confiança no grupo, saber que a ação em conjunto é mais favorável para o crescimento individual. Estamos sujeitos ao desenvolvimento do espírito de liderança.

4.Considerações Finais

Consideramos, no seguinte trabalho, a forte contribuição da interação social nos grupos de estudos cooperativos como forma de aprimoramento das relações de afetividade e fortificação entre os participantes de um grupo. O elemento interação, por si só, é impossível de acontecer sem que haja a presença dos demais. O funcionamento do grupo, antes de tudo, depende de seus componentes, é claro, porém somados à aplicação dos elementos da Aprendizagem Cooperativa, como: o processamento de grupo, as habilidades sociais, a responsabilidade individual, a interdependência positiva e a interação social.

Ficam evidentes, através da análise dos trechos de relatos de experiências, os impactos positivos nos grupos. A presença da participação de todos; o combate a timidez; o desenvolvimento das habilidades sociais, seja no âmbito da comunicação, como no do grau de confiabilidade; promoção de relacionamentos positivos; gerenciamento de conflitos cognitivos; prática da cooperação.

Nascemos aptos a nos adequarmos a vários ambientes, entre eles o do aprendizado; a fazermos escolhas nas quais, muitas vezes, somos obrigados a aceitá-las, por serem impostas. Aos poucos, começamos a conquistar nossa independência e, realmente, tomamos “posse” do livre arbítrio. Tal conquista pode ou não ser tarde demais. Mas devemos estar atentos para o fato de que nunca é tarde demais para tentarmos algo novo. Geralmente, está bem próximo de nós e não percebemos. A experiência em atividades em grupo é um desafio, mas como todo desafio, este também tem suas recompensas durante o processo de (con)vivência, de desenvolvimento de tarefas, pois o resultado é por si só uma outra recompensa independente de ser positivo ou negativo.

Quando em um grupo existe interação, ele passa a ter um melhor desenvolvimento de suas atividades, dando sentido a não exatamente ao produto, mas também ao processo. A visão de mundo se amplifica pelo fato daquela turma ter compartilhado e aproveitado a contribuição de cada componente no que diz respeito às experiências de vida, aos traumas, às superações de angústias, situações problemas; todos esses fatores extra atividade contribuem para firmar um grupo, causam impactos positivos, fazendo com que cada membro sinta-se pertencente e aceito pelo grupo, por isso a importância da interação social na aprendizagem.

Os resultados da interação podem ser vistos de fora para dentro, ou seja, as experiências do mundo exterior acabam influenciando as pessoas, submetendo-as à vivências marcantes que afetam diretamente o lado emocional – psicológico. Cada componente do grupo chega com seu conhecimento de mundo, mostra uma certa resistência a metodologia cooperativa, mas ao longo do tempo, ele acaba se mostrando flexíveis e aceitando a dinâmica do processo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.121.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. In: _____. *A importância do ato de ler: em três textos que se completam*. 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983 (Coleção Polêmicas do nosso tempo.) p.19.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.63.

Ovejero, B. A. *Métodos de Aprendizagem Cooperativa*. PPLL. Espanha: 1990.

JOHNSON, David W; JOHNSON, Roger T; SMITH, Karl A. *A Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades: Qual é a Evidência de que Funciona?* Disponível em: <<http://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf> /<http://unjobs.org/authors/roger-t.-johnson>>. Acesso em: 11/04/11, 11:50m.

JOHNSON, David W; JOHNSON, Roger T. *An Overview Of Cooperative Learning*. Originally published in: J. Thousand, A. Villa and A. Nevin (Eds), *Creativity and Collaborative Learning*; Brookes Press, Baltimore, 1994. Disponível em: <<http://www.co-operation.org/pages/overviewpaper.html>>. Acesso em: 11/04/11, 10:12m.

JOHNSON, David W; JOHNSON, Roger T. Cooperative Learning and Social Interdependence Theory. In: *Social Psychological Applications to Social Issues*. 1998.

JOHNSON, David W; JOHNSON, Roger T. *Cooperative Learning – Two heads learn better than one*. Disponível em: <<http://www.context.org/ICLIB/IC18/Johnson.htm>>. Acesso em 15/04/11, 16:45m.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.